

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

ECTOPLASMA

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DOIS)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Junho de 2008

ÍNDICE

A GENESE.....	03
HISTÓRIA DO ESPIRITISMO.....	04
EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS.....	07
CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO.....	07
MEDIUNIDADE.....	08
ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA.....	10
ANÁLISE DAS COISAS	10
AGONIA DAS RELIGIÕES.....	12
O SER SUBCONSCIENTE.....	13
PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ.....	17
A MANSÃO RENOIR.....	19
LIBERTAÇÃO.....	20
A ALMA É IMORTAL.....	21
PENSAMENTO E VONTADE.....	24
NO LIMIAR DO ETÉREO.....	25
NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE.....	26

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução

.....Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda a idéia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para este ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é o que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem a sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve considerado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais; cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as idéias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da Revue não tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços a maioria das idéias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às

anteriores. A Revue, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Arthur Conan Doyle

CAPÍTULO IX A Carreira de D. D. Home

[...] Assim, ele protestou fortemente contra toda sessão feita no escuro, o que é um conselho de perfeição, de vez que as experiências sobre o ectoplasma, que é a base física de todas as materializações, mostram, em geral, que aquele é afetado pela luz, exceto pela vermelha.[...]

CAPÍTULO XII Os Irmãos Eddy e os Holmes

[...] Mas, de lado o céptico irreduzível, que ninguém convence, e que, no último dia classificará o Anjo Gabriel como uma ilusão de ótica, há algumas objeções muito naturais que um novato pode fazer honestamente e um pensador honesto pode responder. Podemos aceitar uma lança de nove pés como sendo um objeto espiritual? Que dizer dessas roupagens? De onde vêm elas? A resposta se encontra, até onde podemos entender as coisas, nas admiráveis propriedades do ectoplasma. É a mais protéica substância, capaz de ser moldada instantaneamente em qualquer forma, e o poder de moldagem é a vontade do Espírito, dentro ou fora de um corpo. *Tudo* pode ser instantaneamente feito com ele, desde que assim o decida a inteligência predominante. Em todas as sessões dessa natureza parece que se acha presente um ser espiritual controlador, que comanda as figuras e confecciona o programa. Às vezes fala e dirige abertamente. Outras vezes fica calado e se manifesta apenas por atos. Como ficou dito, muitas vezes os controles são Índios Peles-Vermelhas, que parecem ter em sua vida espiritual uma afinidade especial com os fenômenos físicos.[...]

CAPÍTULO XIII Henry Slade e o Dr. Monck

[...] O Dr. Alfred Russel Wallace, muito competente e honesto observador, descreveu uma sessão de materialização com Monck, a qual parece uma pedra de toque tanto quanto possível. Nenhuma suspeita ou convicção posterior poderá jamais eliminar tão incontestável exemplo de força psíquica. Deve notar-se quanto os efeitos concordaram com as posteriores demonstrações da expansão ectoplasmática no caso de Eva e outros médiuns modernos. Os companheiros do Dr. Wallace nessa ocasião eram Mr. Stainton Moses e Mr. Hensleigh Wedgewood. Escreve o Dr. Wallace:

“Era uma brilhante tarde de verão e tudo aconteceu em plena luz do dia. Depois de uma curta conversa, Monck, que estava vestido com o costumeiro hábito clerical negro, pareceu cair em

transe; então ficou de pé a alguns passos à nossa frente e, depois de uns instantes, apontou para o lado e disse: "Olhem!"

"Vimos aí uma tênue mancha em seu casaco, ao lado esquerdo. Essa tornou-se mais brilhante; então pareceu ondular e estender-se para cima e para baixo, até que, gradualmente, tomou a forma de uma coluna de névoa, que ia de seu ombro até os seus pés e junto ao seu corpo."

O Dr. Wallace continua descrevendo como a figura nevoenta por fim tomou a forma de uma mulher envolta em panos grossos que, depois de uns instantes, pareceu absorvida no corpo do médium.

E acrescenta: *"Todo o processo de formação de uma figura amortalhada era visto em plena luz do dia."*

Mr. Wedgewood assegurou-lhe que tinha tido outras manifestações dessa espécie ainda mais notáveis com Monck, quando o médium estava em transe profundo e todo à vista.

Depois de tal demonstração é quase impossível duvidar ao mesmo tempo dos dons do médium. O arquidiácono Colley, que tinha visto semelhantes exibições, ofereceu um prêmio de mil libras a Mr. J. N. Maskelyne, mas as provas foram que a imitação nenhuma relação tinha com o original. Ele tentou conquistar uma decisão do tribunal, mas a sentença lhe foi desfavorável. É interessante comparar o relato feito por Russel Wallace e a experiência posterior de um americano muito conhecido, o Juiz Dailey. Escreveu ele: (3):

"Lançando o olhar para o lado do Dr. Monck, notamos algo semelhante a uma massa opalescente de vapor compacto, emergindo justamente debaixo do coração, ao lado esquerdo. Aumentou de volume, subindo e crescendo para baixo, enquanto a porção superior tomava a forma da cabeça de uma criança, e a face se distinguia como a de um filho que eu havia perdido há cerca de vinte anos. Ficou assim apenas por uns instantes e subitamente desapareceu, parecendo ter sido instantaneamente absorvida pelo lado do doutor. Esse notável fenômeno repetiu-se quatro ou cinco vezes, em cada uma das quais a materialização se tornava mais distinta do que nos anteriores. Isto foi testemunhado por todos na sala, com o gás bastante claro para que todos os objetos fossem bem visíveis.

Era um fenômeno visto raramente e permitiu que todos quanto o viram não só atestassem o notável dom do Dr. Monck, como médium de materializações, mas a maravilhosa maneira por que um Espírito muda de posição quando nossas mãos jamais se moveram enquanto eu não desatei as lousas para verificar o resultado. "[...]

CAPÍTULO XVIII

Ectoplasma

[...] Os resultados estão entre os mais notáveis de todas as investigações de que temos notícia. Foi verificado por numerosas testemunhas competentes e confirmado por fotógrafos que da boca, dos ouvidos, do nariz, dos olhos e da pele dos médiuns fluía esse extraordinário material gelatinoso. As figuras são estranhas e repulsivas; mas muitos dos processos da Natureza assim se apresentam aos nossos olhos. A gente pode ver essa coisa como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão rapidamente e tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará. Ela sai pelas roupas e some-se de novo, quase sem deixar traços. Com o consentimento do médium foi cortada uma pequena porção. Dissolveu-

se na caixa em que foi colocada, como se fosse neve, deixando umidade e algumas células que poderiam provir de um fungo. O microscópio demonstrou células da membrana mucosa, das quais a coisa parecia originar-se. [...]

CAPÍTULO XVIII

Ectoplasma

Desde os primeiros dias, os Espíritos têm sustentado que há uma base física material para os fenômenos. Na incipiente literatura espírita encontram-se centenas de vezes as descrições de um denso vapor semiluminoso, que flui ao lado ou da boca do médium e é fracamente visível no escuro. Tinham ido mais longe: observaram como esse vapor às vezes se solidifica numa substância plástica, de que são feitas as várias estruturas na sala da sessão. Uma observação científica mais rigorosa apenas confirmou o que esses pioneiros haviam verificado.

¹ Para citar alguns exemplos: o Juiz Peterson declara que em 1877 viu com o médium W. Lawrence *“uma nuvem flocculenta”*, que parecia sair do lado do médium e que, gradativamente, formava um corpo sólido. Também fala de uma figura surgindo de *“uma bola de luz”*. James Curtis viu com Slade, na Austrália, em 1878, *“uma como que nuvem de vapor branco acinzentado”* se formando e aumentando, antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada. Alfred Russel Wallace descreve ter visto com o Dr. Monck, primeiro *“uma mancha branca”* que gradativamente se transformou numa *“coluna nevoenta”*. Essa mesma expressão é usada por Mr. Alfred Smedley, em relação a uma aparição com o médium Williams, quando John King se manifestou; fala também de *“uma nuvem fracamente iluminada”*. Com o médium D. D. Home, Sir William Crookes viu *“uma nuvem luminosa”*, que se condensou numa mão perfeita. ² Mr. E. A. Brackett viu com a médium Helen Barry, em 1885, nos Estados Unidos, *“uma pequena substância branca, como uma nuvem”*, que se expandiu até ficar com quatro a cinco pés de altura *“quando de súbito dela saiu a forma total, sólida, como uma sílfide, de Bertha”*. Mr. Edmund Dawson Rogers, descrevendo uma sessão com Eglinton, em 1885, diz ter visto surgir ao lado do médium *“uma substância esbranquiçada e fumacenta”*, oscilava e pulsava.³ Mr. Vincent Turvey, o conhecido sensitivo de Bournemouth, fala de *“uma substância vermelha, viscosa”*, saindo do médium.⁴ Um particular interesse é ligado a uma descrição dada pela maravilhosa médium de materializações, Madame d’Esperance, que diz: *“Parecia-me sentir que fios muito finos me saíam pelos poros da pele.”* Isto tem um importante contato com as pesquisas do Dr. Crawford e suas observações sobre os *“bastões psíquicos”* e *“a matéria como esporos”*.⁵ Também encontramos em *The Spiritualist* que, quando o Espírito materializado de Katie King se manifestava através de Miss Florence Cook *“era ligado à médium por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos”*. (Vide todo o Capítulo XVIII da obra.)

¹ “Essays from the Unseen”.

² “Materialized Apparitions”, pág. 106.

³ “Beginnings of Seership”, pág. 55.

⁴ “Shadow Land”, pág. 229.

⁵ “The Spiritualist”, 1873, pág. 83.

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS

André Luiz

XVII

Mediunidade e o corpo espiritual

MEDIUNIDADE ESPONTÂNEA - [...] Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e para modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas, inclusive as peculiaridades da materialização, pelas quais os recursos periféricos do citoplasma, a se condensarem no ectoplasma da definição científica vulgar, se exteriorizam do corpo carnal do médium, na conjugação com as forças circulantes do ambiente, para a efêmera constituição de formas diversas.[...]

CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

José Herculano Pires

XIV

OS TRÊS CORPOS DO HOMEM

[...] Nas pesquisas russas verificou-se que, na produção de fenômenos mediúnicos de movimentação de objetos sem contato, levitação e transporte, o elemento empregado é o plasma, o que confirma as pesquisas de Richet e de Notzing sobre o ectoplasma. Essa é uma das razões por que esses fenômenos só são produzidos por espíritos inferiores, que Kardec comparou a carregadores do espaço a serviço de entidades superiores. Os exames de porções de ectoplasma em laboratório revelam apenas a constituição física do mesmo. O elemento mais importante e vital do ectoplasma é a energia espiritual, que não permanece nas porções colhidas pelos pesquisadores. Nesse corpo segundo os pesquisadores russos, as condições de doença e saúde e a previsão de doenças nas plantas, nos animais e no homem são feitas com grande precisão através das variações de cores do plasma e um sistema de sinais coloridos ainda em estudo.[...]

XVIII

O PROBLEMA DAS MISTIFICAÇÕES

[...] Nessas manifestações então inexplicáveis, lavé *falava cara a cara* com seu servo Moisés, dando-lhe o prestígio necessário para a consecução dos seus planos de conquista sanguinária. As pesquisas contemporâneas e atuais sobre esses fenômenos mediúnicos desvendaram o mistério. Os estudos de Max Fredon Long e André Lang, entre as tribos selvagens da Polinésia revelaram o emprego de *mana* ou *orenda*, forças mágicas que Richet explicou racional e cientificamente como emanações orgânicas do corpo do médium e os russos provaram recentemente serem constituídas por um plasma físico formado de

partículas atômicas livres. lavé, o Deus Supremo e Único, servia-se apenas dos elementos mágicos empregados pelos povos primitivos nos seus contatos com espíritos. Esse mesmo elemento, que na sua expansão manifesta cheiro de ozona, foi considerado nas manifestações diabólicas da Idade Média como explosões de enxofre. Frederic Zöllner demonstrou, na Universidade de Upsala (Alemanha) que esse elemento, o ectoplasma, pode produzir explosões violentas, raios e relâmpagos, causando destruições com o poder de dinamites. Essas provas científicas modernas podem também explicar as manifestações ígneas assustadoras do Monte Sinai, no momento em que Moisés falava com lavé e este lhe aparecia em forma de sarça ardente, segundo o Gênese.[...]

MEDIUNIDADE

José Herculano Pires

Capítulo IV Energia Mediúnica

[...] Os cientistas soviéticos, fascinados pelo sucesso de suas pesquisas e alheios aos problemas ideológicos, constataram oficialmente, na famosa Universidade de Kirov, que o homem possui um corpo energético que responde pela vitalidade e as funções do corpo carnal. Verificaram que, nos casos de movimentação e levitação de objetos sem contato, esse corpo energético expande correntes de energia que impregnam os objetos a serem movidos à distância do médium. São essas energias, carregadas de matéria orgânica, que Richet chamou de ectoplasma e que o Prof. Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica, conseguiu observar em toda a sua complexa mecânica de expansão e ação, descobrindo objetivamente o funcionamento de *alavancas de ectoplasma* na produção dos fenômenos. Como se vê, a mediunidade é um processo de relação-indutiva, em que entram em jogo energias psicofísicas e energias espirituais. Na Parapsicologia isso ficou provado através de numerosas pesquisas. O Prof. Rhine diferenciou os dois tipos de energia ao classificar o pensamento como extrafísico. As energias mentais são de natureza espiritual e provocam reações materiais no cérebro. As energias espirituais, que Rhine chamou de extrafísica, não estão sujeitas às leis físicas. Não sofrem a ação da gravidade, não se desgastam na sua projeção a qualquer distância e não são interceptadas por nenhuma espécie de barreiras físicas. Experiências em contrário, realizadas na URSS por Vassilev, com o fim de demonstrar que não passavam de um novo tipo de energias físicas, fracassaram por completo. Dessa maneira, a tese espírita da existência de energias espirituais típicas ficou também comprovada cientificamente. Continuam, e é natural, os debates teóricos a respeito, mas o que importa na Ciência não são as opiniões e sim os fatos. E os fatos, como sempre, continuam fiéis à Doutrina Espírita. A mediunidade dispõe desses dois tipos de energia, mas não é, em si mesma, nenhuma delas. Não há uma energia mediúnica específica, mas apenas a ação controladora da mente sobre a matéria. Esta ação é a mesma que deu origem ao mundo e a toda a realidade, quando o espírito (no caso do princípio inteligente) aglutinou as partículas de matéria e deu-lhes estruturas múltiplas. A relação espírito-matéria é uma constante universal que se evidencia particularmente nos fenômenos vitais: no vegetal, no animal e no homem. Mas o ato mediúnico é o ponto de concentração em que as suas leis se revelam com a devida clareza aos pesquisadores. É natural que os cientistas alheios aos problemas espíritas encontrem dificuldades em aceitar essa

tese. Além disso, como observou o Prof. Remy Chauvein, do Instituto de Altos Estudos de Paris, existe no meio científico um caso alarmante de alergia ao futuro.[...]

Capítulo XI Mediunidade Zoológica

[...] Há casos impressionantes de materialização de animais em sessões experimentais. Há casos espontâneos de aparições de animais-fantasmas em vários relatos de viagens e de pesquisas psíquicas. Esses casos estimulam a idéia da mediunidade animal. As pessoas que se deixam impressionar por esses casos certamente não se lembraram de que as materializações são produzidas pelos espíritos, que tanto podem materializar uma figura humana, como um par de sapatos ou uma figura animal. Kardec nos dá, no *Livro dos Médiuns*, excelente estudo sobre o laboratório do mundo invisível em que todos esses casos são esclarecidos. Os espíritos superiores, explicam os processos científicos dessas manifestações, que, por outro lado, as conquistas recentes da Física e da Parapsicologia ajudam a esclarecer. Da mesma maneira por que agem sobre os objetos inertes, movimentando-os através de suas próprias vibrações fluídicas ou por meio de energias ectoplásmicas de um médium, os espíritos podem agir sobre os animais e as plantas, na produção de fenômenos de ordem física. A psicocinesia, segundo as investigações de Rhine, Soal e Carington nos Estados Unidos e na Inglaterra, provou de maneira incontestável a ação da mente sobre a matéria. As pesquisas soviéticas recentes, na Universidade de Kirov demonstraram a existência do corpo-bioplasmático não só no homem, mas também nas plantas e nos animais. Pesquisas anteriores, realizadas na França por Raul de Montandon, provaram a existência de uma estrutura energética em gafanhotos e outros pequenos animais. Essas estruturas não eram destruídas pela morte do animal sob ação de esguichos de éter, e os que não morriam deixavam ver ao seu lado, em fotos batidas com luz infravermelha, a silhueta perfeita da estrutura energética. Essas investigações científicas nos proporcionam informações importantes sobre os fantasmas de animais. A sobrevivência da forma animal confirma a teoria espírita a respeito, enquanto a psicocinesia revela a possibilidade de controle dessa forma pelo poder mental dos espíritos. As manifestações de fantasmas-animais não são naturalmente conscientes como as de criaturas humanas, mas são produzidas por entidades espirituais interessadas nessas demonstrações, seja para incentivar o maior respeito pelos animais na Terra, seja por motivos científicos. No tempo de Kardec, em meados do século passado, quando ainda vigorava na França e na Europa em geral a teoria cartesiana de que os animais eram máquinas, desprovidos de alma e movidos por mecanismos instintivos, as aparições de animais eram freqüentes. Nos Anais das Sociedades de Pesquisas Psíquicas há numerosos casos de manifestações animais na Inglaterra. Em São Paulo temos um caso famoso de materialização de um cão do então Governador Ademar de Barros, nas sessões do círculo de Odilon Negrão, com os médiuns de ectoplasmia D. Hilda Negrão e o médico Luiz Parigot de Souza. Há visível interesse dos espíritos no sentido de demonstrar que os animais são realmente nossos irmãos pela carne e o espírito. Essas manifestações têm a evidente finalidade de auxiliar a evolução animal, chamando para eles a atenção dos homens que podem protegê-los.

Capítulo XII Medicina Espírita

[...] Geley chamou de *controladores* os espíritos que agem nessas ocasiões, provendo e regulando a saída de ectoplasma do organismo mediúnico. Nas experiências soviéticas os cientistas consideraram o ectoplasma como energia radiante emitida pelo perispírito ou corpo espiritual do médium. Crookes chamou-o de força psíquica e Notzing colheu porções de ectoplasma e submeteu-os a análise de laboratório, provando que a porção morta desse elemento, dissociada do médium, compunha-se de células e outros materiais orgânicos. Não há, pois, milagre, no sentido místico da palavra, nessas ocorrências. Há leis naturais que pouco a pouco vão sendo esclarecidas pelas pesquisas científicas.[...]

ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA

Hernani Guimarães Andrade

Capítulo VIII

Ectoplasma e Ectoplasmia

"Mas em um certo sentido a embriologia já é 'materialização', do ponto de vista vitalista."

(DRIESCH, Hans - *Proceedings of the SPR*, part. 99, vol. XXXVI, July, 1926, p. 173).

ECTOPLASMA, CARACTERES GERAIS

A palavra "ectoplasma" resulta da combinação de dois vocábulos gregos: ektós = fora, exterior; plásma = dar uma forma. Em Biologia, significa a parte periférica do citoplasma. Em Metapsíquica e em Parapsicologia, o termo "ectoplasma" foi pela primeira vez sugerido por Charles Richet que, referindo-se aos fenômenos de efeitos físicos provocados pela médium Eusapia Paladino, mencionou as protuberâncias ectoplásmicas com as quais Eusapia atuava sobre alguns objetos pesados, movimentando-os: *"São as formações difusas que eu chamo de ectoplasmas; porque elas parecem sair do próprio corpo de Eusapia"*. (RICHET, Charles - *Traité de Métapsychique*, Paris: Félix Alcan, 1923, p. 611).

ANÁLISE DAS COISAS

Paul Gibier

Capítulo V

[...] O homem, tal como o vemos, é uma inteligência - glóbulo emanado da Inteligência Universal - que possui a seu serviço uma força emprestada da Energia igualmente universal.

Esta força, sob tal variedade, é de qualidade elevada, aproximando-se, muito provavelmente, da forma superior da energia denominada pelos antigos sábios *luz astral*, pelos Orientais *akasa*, e da qual a ciência moderna faz uma vaga idéia que exprime pela palavra "*Éter*", emprestada pelos físicos da Escola grega. Esta força, tão sutil quanto poderosa, penetra no corpo humano como no

dos animais. Possuímos certa provisão dela, ocupando todos os pontos onde circula o fluido nervoso, isto é, no corpo inteiro, mas em maior quantidade e como em outros reservatórios, no eixo cérebro-espinhal e principalmente nos grandes plexos simpáticos: segundo antigos documentos e também segundo a minha própria experiência, o plexo solar parece ser provido dessa força em grande proporção. Não é sem razão que os anatomistas deram o apelido de *cérebro abdominal* a este último plexo.

Esta força anímica, etérea, astral, etc., emprestada do Éter, permanece nas condições normais e, pelo menos em aparência, estritamente limitada à substância que compõe o corpo, como se estivesse encarcerada em seu invólucro: é um estado que proponho denominar-se *comaterial* (*cum materia*). A grande maioria dos seres humanos, para só falar destes, são comateriais. Mas, há indivíduos que, por natureza ou em consequência do regimen dietético, de que já fiz menção, possuem a faculdade, o poder de exteriorização, isto é, de projetar, de estender sua força anímica a maior ou menor distância de suas pessoas, de fazer esta força produzir fenômenos de diversas ordens, tantos nos planos físicos e anímicos, quanto no intelectual. Esta força que, nos últimos tempos, sábios eminentes (vede meu livro sobre Espiritismo) chamaram *psíquica*, encontra-se num estado *abmaterial* (*ab* matéria), isto é, fora da matéria qual é condensada e armazenada ordinariamente e que ela *anima*: eis a razão porque prefiro denominá-la *anímica*.

O primeiro grau de exteriorização da força anímica, sob a influência da vontade, foi posto em evidência como acima já referi, pelo Dr. Baréty, que julgou dever dar a esta força o nome de *força nêurica radiante*.

Quando estamos na obscuridade, perto de uma pessoa cuja força anímica se *abmaterializa* abundantemente (por exemplo, nas sessões onde é mister a ausência de luz), podemos vê-la flutuar sob as vestes do indivíduo donde ela emana, principalmente na altura da região epigástrica ou dos grandes troncos arteriais, sob a forma de matéria vaporosa e luminosa. Pode-se fazer uma idéia desta luz pela ilusão que me produziu uma vez: Eu tinha ido ver um dos meus clientes, enfermo de volta de uma viagem, residente em uma casa da rua Maubeuge, em Paris. Este homem era médium de profissão e, em consequência de sucessivas experiências que outras pessoas haviam feito com ele, estava num estado anunciado de prostração nervosa. Não podia suportar luz nem ruído e estava estendido no leito, onde gemia como uma criança. Quando, cerca de nove horas da noite, entrei no seu quarto, havia ali uma escuridão quase completa. Subitamente, enquanto eu o interrogava, vi uma claridade sobre um dos seus braços, que distingui então perfeitamente. Pensei a princípio que um raio de lua penetrava no quarto por alguma veneziana mal cerrada e, levantando-me, pois que estava sentado, coloquei-me de modo a interceptar o suposto raio de lua. O meu movimento não produziu nenhuma alteração no reflexo, aliás fraco, projetado por esta espécie de luar. Além disso, verifiquei não entrar luz alguma pela janela. Outros pontos luminosos apareceram pelo corpo do doente, que parecia inteiramente inconsciente do fenômeno; procurei tocá-los; nada senti de anormal, senão que eles desapareciam ao contato da minha mão. Aproximei-me dos lugares onde a claridade se mostrava e não senti nenhum cheiro de fósforo. De mais, o aspecto dessa nuvenzinha luminosa não se parecia em coisa alguma com a fumaça esbranquiçada e ondulante, produzida por este corpo, quando se esfrega com ele os objetos no escuro.

Tive muitas ocasiões de ver, em pessoas bem dotadas, o desprendimento dessa força e sua *condensação a pleno dia*, sob diversas formas. Então, não poderia eu caracterizar o seu aspecto de melhor forma do que a comparando ao estado *vesicular*, que precede o estado líquido do gás ácido carbônico, quando ele é liquefeito sob pressão, em tubo de vidro. A este respeito devo dizer -

sem intento de estabelecer nenhuma comparação, pois o gás comprimido se aquece - que, por ocasião do desprendimento desta força do corpo dos indivíduos, principalmente no verão ou em uma atmosfera tépida, experimenta-se uma viva impressão de frescura. É um fenômeno que notei nas minhas experiências anteriores.¹

Mas, os médiuns não são os únicos que desenvolvem esta força anímica ou que a exteriorizam: outros *exteriorizadores* muito superiores aos médiuns podem existir e existem realmente. Somente, ao inverso destes últimos, eles não deixam nenhuma influência estranha dirigir-lhes o "corpo astral", isto é, a força anímica exteriorizável. Quem a dirige é o próprio espírito. O médium espírita, pelo contrário, é muitas vezes o ludíbrio ou simplesmente o instrumento de forças ocultas, não raro, muito inferiores senão muito ruins: por minha parte, vi exemplos frisantes. Além disso, sendo uma entidade eminentemente passiva, o médium é, não somente dirigido por influências ocultas, boas, más ou indiferentes, mas pode ficar dominado, guiado, arrastado pelas suas más paixões. As exigências de seu corpo físico mal contidas pela vontade, que se habitua a abdicar em proveito de uma passividade necessária à produção dos fenômenos, dificilmente podem ser refreadas, esgotado como se acha o corpo por perdas sucessivas da força anímica. Por isso, excetuando algumas pessoas, vê-se geralmente o mesmo médium produzir os mais autênticos fenômenos "psíquicos", os menos discutíveis, ao lado de trapaças odiosas e, às vezes, grosseiramente dissimuladas. Conheci um médium, jovem muito honesto, que não fazia profissão da mediunidade, e com o qual se obtiveram diversos fenômenos de levitação e movimentos de objetos absolutamente reais. Confessou-me ele que muitas vezes se sentira como impelido a acrescentar alguma coisa ao que produzia; possuía-se do desejo violento de simular um fenômeno qualquer quando podia, com as próprias faculdades naturais, obter coisa melhor. Analisando esta espécie de impulsão, dizia-me que ela provinha, em parte, do desejo de causar admiração aos assistentes; e, em parte, do prazer de enganar seu semelhante, de pregar-lhe "uma boa peça"; em terceiro lugar, do receio da fadiga, porque depois das sessões, nas quais são obtidos longos fenômenos, os médiuns ficam, às vezes, extenuados. Mas, acrescentou haver outra causa que ele não sabia explicar, causa sem dúvida de natureza impulsiva, reunida às precedentes, e fazendo-se sentir com mais força. Assegurou-me mais, além disso, que havia sempre resistido à tentação. Em suma, o médium espírita vulgar é um passivo, um impulsivo, e freqüentemente um ser incompleto; conheci um impotente e um hermafrodita entre os médiuns que estudei.

Do mesmo modo que um indivíduo pode nascer médium, ou desenvolver artificialmente sua faculdade passiva, também se pode, por um exercício mais ou menos demorado, mais ou menos penoso - principalmente nascendo-se sem disposições - conseguir exteriorizar a força anímica própria, conservando-se sempre sob o domínio da vontade. É assim que o Sr. De Rochas cita o caso de Fabre d'Olivet, que podia fazer chegar às suas mãos, de uma certa distância, o livro que desejava tirar da biblioteca. O mesmo autor cita, igualmente, um homem provavelmente ainda vivo no momento em que escrevo, que, por força volitiva, podia, olhando um pássaro qualquer a cantar no ramo, obrigá-lo a pousar na sua mão. É conhecida a história de Apolônus de Tiane e outras, que contam por centenas na *Vida dos santos*.[...]

AGONIA DAS RELIGIÕES

José Herculano Pires

¹Espiritismo (Faquirismo Ocidental).

Capítulo XI A Cura Divina

[...] Vejamos um caso típico de contribuição espírita em plano concreto. Richet, fisiologista e médico, prêmio Nobel de sua especialidade, descobriu o ectoplasma dos processos de materialização. Gely, também fisiologista - e espírita - deu prosseguimento às pesquisas de Richet. Ambos provaram, secundados por outros cientistas eminentes, entre os quais Crookes e Zöllner, que o ectoplasma é uma emanção do corpo do médium em forma de um plasma leitoso. Schrenk-Notzing, na Alemanha, conseguiu porções de ectoplasma, colhidas em sessões mediúnicas experimentais, e submeteu-as a exame histológico em laboratórios de Berlim e Viena, comprovando a sua natureza orgânica. Várias manifestações espíritas aludiram à possibilidade de aplicação terapêutica desse elemento para a reconstituição de tecidos vivos afetados ou destruídos por processos cancerosos. Experiências realizadas atualmente em sessões de materialização deram resultados animadores. Infelizmente não foram feitas em instituições científicas. Mas os médicos participantes dessas experiências entendem que, se pesquisadores categorizados tratarem do assunto abrirão uma nova era no tratamento das recuperações consideradas impossíveis.

O SER SUBCONSCIENTE

Gustav Geley

GELEY: APÓSTOLO DA CIÊNCIA CRISTÃ ¹

[...] A *unidade da substância orgânica* preocupou-o de modo assaz perceptível. Para Geley, o ectoplasma - termo de eleição de Richet, não nos esqueçamos - é, em sua essência, um prolongamento fisiológico do médium. É a substância íntima, viva, componente do ser humano, extremamente sensível, úmida, coleante, viscosa, levemente acinzentada (atualmente, sabemos que a alvura dessa matéria é instável, dependendo quase sempre da condição evolutiva da entidade); em linguagem moderna, é o plasma biológico que compõe a criatura. Sua tessitura, para nós, varia de acordo com a evolução do ser, evolução essa que, para Geley, se faz através da gradativa expansão do ser, desde o estado de inconsciência até ao da consciência plena e abrangente, quando o Espírito passa a ser "um só com Deus". Nesse ponto - o da expansão consciencial progressiva - , recomendamos aos interessados o estudo das teorias de Myers, na obra "Human Personality", bem como a obra de André Luiz "Evolução em Dois Mundos". Ainda será interessante e altamente proveitosa a análise da obra de Gabriel Delanne, principalmente os brilhantes estudos a respeito do perispírito, suas propriedades funcionais adquiridas, seu amplíssimo desempenho na vida do Espírito, até que - purificado (ou puro desde o início) -, não precise ele de perispírito, no dizer de Max (Bezerra de Menezes), no excelente artigo "O Corpo Fluídico de Jesus", inserido em "Reformador" de março de 1974. O ectoplasma, em outras palavras, é o próprio médium parcialmente exteriorizado. Mas, observou o cientista que essa substância é indiferenciada: não é nem tecido nervoso, nem tecido muscular, nem tecido conjuntivo; não é nem mesmo um amálgama celular. É substância única, que obedece a comandos de organização e de

¹ Estudo de autoria do tradutor deste livro, publicado, em julho de 1974, no "Reformador" e reproduzido, à guisa de prólogo à edição em vernáculo, por iniciativa da Editora (FEB).

desorganização do ser subconsciente, podendo tomar todas as formas da vida, trazendo em si mesma o movimento da própria vida.

Desejando estudá-la, Geley precisou estabelecer os campos limitados da Fisiologia, da psicologia normal e da Psicologia anormal. Do exame dessa tripla caracterização científica, ele começa por recordar que a Biologia normal nos mostra que todo ser organizado provém de uma célula. De fato, teríamos a ordem normal estudada pela ciência. Mas - raciocinava -, em certos casos, observa-se o surgimento de uma borboleta, por exemplo, a partir de uma aparente desorganização: é a crisálida que se reduz a um amontoado de substância, com o desaparecimento de qualquer "figuração celular", em sua própria linguagem. Dessa massa aparece um outro animal, de novas características físicas e psíquicas. Era o estudo do cientista aplicando o método já exposto, inclusive a analogia, e mostrando no próprio campo da natureza animal a base dos fenômenos ditos paranormais. Atualmente é a histólise do inseto (como se costumava dizer), que é a borboleta. O casulo representa o gabinete, destinado a proteger a operação complexa das formas materializadas.

Assim raciocinando, Geley observou a importância prática do estudo da Fisiologia normal e anormal, explicando o conjunto de fatos ocorridos, bem como a Psicologia, também normal e anormal, lançando luzes sobre o aspecto psíquico do mesmo conjunto de fatos. Prosseguindo, viu que, se toda essa gama notável de ocorrências obedecia a um sistema organizador ou desorganizador, que manipulava uma substância primordial única, dando origem a representações, não mais haveria razão para bipartir o campo científico: haveria apenas uma Fisiologia, a superior; uma Psicologia, a de igual modo superior, cada uma delas atuando em seu campo. Era a chegada do homem aos sistemas de compreensão da unidade do próprio Universo. Novidade? Não. Geley dava exemplo da própria teoria: a penetração e expansão consciencial do Espírito no todo universal. Nós vivemos em meio a representações que estampam determinados estados, estados esses que obedecem às necessidades íntimas da evolução, abrindo ao homem imenso campo de atividade intelecto-moral-espiritual. E é nesse próprio campo que a analogia nos apresenta a possibilidade de compreensão da riqueza de possibilidades, tanto do fenômeno humano quanto do sobre-humano, se assim nos podemos expressar. É preciso admitir a necessidade de um dinamismo superior que organiza, centraliza e dirige essa substância, para que se entenda a variedade impressionante produzida pela substância primordial, causa única, simples, e seus efeitos variados, de grande riqueza.

Que força diretora será essa? Para Geley ela representa o ponto de união, precisamente aquele que justifica a unidade da ciência superior, englobando os aspectos menores: é a faculdade organizadora e desorganizadora do ser subconsciente, de Geley, e a idéia diretiva, de Claude Bernard. No entanto, a superioridade daquela lança sombras de esquecimento sobre a segunda. O ser subconsciente, liberado em determinados estados de exteriorização total, penetrando o mundo invisível, adquire amplo espectro de ação, não sendo efeito, mas causa. Destarte, a idéia diretiva seria elucubração do ser subconsciente, assim como a mente tem a norteá-la a emissão do Espírito consciente. É o mais englobando o menos.

Aqui, cabe citar outra peculiaridade do método geleyano: o mais pode o mais, atua sobre o menos. Assim, o Doutor pesquisa o fato complexo, onde se encontra subentendido e englobado o menos complexo; só se atém a este último no caso de ser imprescindível esse proceder. Como vemos, eis o papel da intuição, aliada à razão de que inicialmente falamos: encontrar, do melhor modo possível, o MAIS. Isso não é empírico: é produto de larga experiência científica, de

observação arguta e percuciente, bem característica dos integrantes da grei dos defensores do esclarecimento humano.

Em todo esse processo construtor há reparadores responsáveis pela manutenção da integridade do modelo. É precisamente a propriedade da substância una, movimentada pela faculdade organizadora da vontade. É esse ectoplasma a substância vital, "mantenedora e reparadora". No dizer de Gabriel Delanne. Chegamos, então, ao resultado: o ser humano é Espírito momentaneamente revestido de um corpo de carne, tendo como elo, entre Espírito e corpo carnal, o corpo perispiritual, que maneja- segundo a vontade (a idéia do ser-Espírito) - a substância reparadora e mantenedora, que organiza ou desorganiza. É a razão do Espírito humano. Será isso o mediunismo? Não.

Gustave Geley lembra que, se essa faculdade é inerente ao Espírito humano presente na matéria da Terra, deverá também ser própria do Espírito humano momentaneamente liberto dessa matéria, em estado de erraticidade. O mediunismo seria, então, todo esse processo magnífico de apresentação de vida, com a movimentação dos recônditos do Espírito e a utilização do fluido vital, através do perispírito (ele é o molde, não nos esqueçamos), segundo a vontade espiritual, tudo isso, dizíamos nós, elevado a campo muito mais amplo: o - segundo suas palavras, corroborando as de Myers - dos seres em presente evolução extraterrestre. Será isso, portanto, de um lado o animismo, ainda que no efeito físico, e, de outro, a mediunidade, isto é, a franca intervenção de um ser diverso do próprio médium, atuando sobre ele na criação física ou psíquica, não importa.

Como vemos, isso significa programação de adesão e defesa dos princípios espíritas. Mas, como disse no início, as idéias novas constituem-se em testes avançados para quem quer que ouse esposá-las. Veio a fisiologia clássica explicando que o sono, um dos meios de exteriorização do ser, não passa de repouso dos centros nervosos. Mas, pergunta Geley: deixando de lado a intensidade emotiva de certos sonhos alegres ou tristes, quer dizer das importantes manifestações do trabalho inconsciente? Isso é o suficiente para que se entenda que o repouso dos centros nervosos não explica nem mesmo os fenômenos anímicos, psicológica ou fisicamente. O trabalho do Espírito permanece autêntico, mais livre e amplo. Não se conseguiu, portanto, destruir a hipótese espírita.

E sobre o mediunismo, Geley não mais se estendeu sobre as pesquisas incomensuráveis levadas a efeito por toda parte, e - de acordo com suas próprias palavras - "de modo conclusivo e irrefutável". Recordava, principalmente, "que somente as criaturas que não conhecem o tema (o mediunismo), nem teórica nem experimentalmente, continuam a negar os fenômenos dessa ordem; que esses fenômenos investem-se de uma objetividade facilmente demonstrável e não somente explicável pela fraude, pela ilusão ou pela alucinação; que nada têm de sobrenatural, podendo ser interpretados de modo perfeitamente racional e satisfatório".

Como vemos, fraude, ilusão e alucinação (coletiva ou não) de há muito são desculpas esfarrapadas, instrumentos anacrônicos de refutação caprichosa da verdade.

E o animismo (a exteriorização e subconsciência) seria a explicação de todo o fenômeno mediúnico? Já por si só o animismo prova o Espiritismo: naquele estão em jogo forças espirituais, que não obedecem às secreções cerebrais ou aos humores glandulares, isto é, que não têm sua sede na matéria, embora possam por esta ser influenciadas. Além disso, só seria possível a total explicação se passássemos por cima de uma série infinita de pormenores. Em primeiro lugar, os fenômenos de exteriorização e de subconsciência - para que explicassem o mediunismo - teriam de ter impressionante desenvolvimento, não podendo estar (como dissemos) submetidos à constrição da matéria bruta; seria necessário que eles estivessem fora dela, com o que seriam Espíritos. Mas, admitamos que assim aconteça. Vejamos o que diz Geley em o "Ser Subconsciente":

“Todos os fenômenos físicos podem ser explicados pela exteriorização, desde que se admita a complexa exteriorização de sensibilidade, força, matéria e inteligência, bem como de uma potente faculdade de organização e de desorganização sobre a matéria.”

Ora, raciocinamos nós, isso é impossível, dadas as limitações impostas ao Espírito pela matéria. Mas, prossigamos, admitindo que assim seja. Vejamos ainda Geley:

“A subconsciência pode explicar a influência diretora dos fenômenos e de todas as manifestações intelectuais, desde que se admita uma subconsciência superior bastante complexa, muito diferente da subconsciência clássica (recairemos na hipótese espírita). Ainda mais diferente da consciência normal, por suas faculdades e por seus conhecimentos com frequência muito mais importantes e vastos, englobando completas personalidades múltiplas, ignoradas pela personalidade normal.” (O parêntesis é nosso.)

Haverá os que, em desespero, dirão: E as vidas passadas?

Voltamos ao contexto espírita, mas, ainda assim, como explicar que alguém que, comprovadamente, não teve vivência no campo da Química ou da Física, consiga, em estado de transe, elaborar fórmulas inteiras, dissertando sobre elas? Ah - dirão -, pela conscientização progressiva!

Ouçamos Geley, mais uma vez:

“Finalmente, sob a condição de atribuir à subconsciência superior extensas faculdades de leitura de pensamento e de clarividência (fenômenos que estão contidos na e explicados pela hipótese espírita), não logram explicar conhecimento de tudo o que concerne aos Espíritos, cuja manifestação simula.” (O parêntesis é nosso.) “Relativamente à origem dos fenômenos, é necessário admitir-se um erro voluntário ou involuntário da subconsciência, *uma vez que atribui aos Espíritos o que na realidade dela mesma promana.*”

Aí está: Geley relacionou dentro da Ciência e contribuiu com um verdadeiro conceito científico sobre o homem, o único que o Espiritismo pode apoiar: de qualquer lado por que se “ataque”, topa-se com o Espírito, que vive e sobrevive, que é imperecível, e, por ser imperecível, vive sempre. Mas, viverá sempre na contemplação beatífica, no ócio desesperador? Se trabalha na Terra, será o espaço lugar onde não exercerá suas faculdades? E se, mesmo trabalhando na Terra, não logra de deixar de ser imperfeito, só se pode concluir que viverá muitas vezes, aperfeiçoando-se moral, intelectual e espiritualmente, cada vez mais, em expansões da consciência, até que, no estado de puro Espírito, compreenda o Universo e o Criador.

Fatos Obscuros de psicologia anormal

VII. AÇÃO A DISTÂNCIA SOBRE A MATÉRIA POR UMA FACULDADE ORGANIZADORA OU DESORGANIZADORA

[...] O "sujet" pode ou desorganizar certos objetos a distância, ou organizar em formas mais ou menos complexas uma trama material emanada ou exteriorizada de seu próprio organismo. A isso denomina-se ¹ *teleplastia*.

Para que tais fenômenos possam ser considerados não como alucinatórios, mas como reais, é imperioso que sua realidade objetiva seja rigorosamente provada. E isso só acontece, diz Aksakof em "Animismo e Espiritismo", quando se verificam as seguintes características:

1ª *Visão da "forma" concomitantemente por muitas pessoas;*

2ª *Visão e contato da forma por muitas pessoas, com impressões concordantes dos dois sentidos;*

3ª *Efeitos físicos produzidos pela forma;*

4ª *Efeitos físicos duráveis, tais como escrita, marcas, moldagens, fotografias, efeitos sobre o corpo de um assistente.*

Somente neste último caso a prova é absoluta; *mas, ele é, precisamente, dos mais freqüentes. Uma forma bem nítida pode, quase sempre, deixar no seu rastro efeitos físicos duráveis.*

Para facilitar, considero sucessivamente a *ação organizadora* e a *ação desorganizadora*.

Ação organizadora - Em termos de nitidez e complexidade, pode levar a formações muito variáveis.

As manifestações elementares são caracterizadas pela produção efêmera e incompleta de objetos ou de órgãos. Essas formas efêmeras podem, contudo, deixar traços físicos: fotografias, impressões no ² mástique, na farinha, no corante negro, na parafina, no gesso, etc.

De outras vezes, não passam de clarões azulados, fosforescentes.

As manifestações superiores da faculdade organizadora são formações orgânicas sempre efêmeras, mas completas. Nesse caso, então, dão-se as *materializações* - de acordo com o termo em voga - de órgãos ou de organismos naturais, física e fisiologicamente. Essas manifestações podem ser *espontâneas* ou de *origem mediúnica*.

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ

José Herculano Pires

VI

Pk- A mecânica da vida

¹ A palavra teleplastia origina-se de *teleplasma*, termo utilizado pelo Dr. Albert von Schrenck-Notzing, correspondendo ao *ectoplasma*, de Charles Richet, e ao *substância*, de Maxwell e de Mme. Bisson. René Sudre, define-o como "argila psíquica modelada por forças desconhecidas". As enciclopédias, de um modo geral, trazem de teleplastia a seguinte definição: "Em Espiritismo, manifestação materializada de uma pessoa, num lugar onde não se encontra." O "Dictionnaire Encyclopédique Quillet" apõe, com mordacidade: - "... e que os espíritas pensam ter feito aparecer." (*Nota do Tradutor.*)

² Resina de aroeira, gênero de árvores americanas, produtoras de madeira de segunda categoria, possibilitando aplicação medicinal; produzem uma resina amarela que toma o nome de almécega. (*Nota do Tradutor.*)

[...] a psicocinesia é considerada como ação da mente sobre a matéria sem qualquer intermediário físico, como acentuamos no início do capítulo. Ficam assim excluídas as hipóteses metapsíquicas da ectoplasma. Para Richet esses movimentos eram produzidos por meio de um elemento físico: o ectoplasma, emanção orgânica do médium. O Prof. Crawford, catedrático de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda, chegou a realizar numerosas experiências sobre a mecânica do ectoplasma.

As investigações de Crawford foram consideradas como esclarecedoras do processo. Richet as incluiu em seu *Tratado de Metapsíquica*. Crawford realmente provou, através de experiências minuciosas e rigorosamente controladas, com as repetições e diversificações necessárias, a existência daquilo que William Crookes chamou de *força psíquica*, ou seja, de emanções do corpo do sensitivo em condições variadas, diminuindo o peso deste quando em grande quantidade. Por exemplo: colocado o sensitivo sobre uma balança de controle-relógio, verificou-se que o peso do mesmo diminuía ao levitar-se um objeto pesado, como uma grande mesa ou um piano, e aumentava com a soma do peso do objeto quando este era leve, como uma cadeira ou uma banquetta. Isso demonstrava que a força emanada do médium tomava a forma de um pseudópodo, erguendo os objetos leves como se faz com o braço, mas apoiando-se no solo, em forma de alavanca, para o caso dos objetos pesados.

O Cel. Albert De Rochas, que foi diretor do Instituto Politécnico de Paris e notabilizou-se pelos seus trabalhos experimentais sobre a exteriorização da sensibilidade e da motricidade em processos hipnóticos e para-hipnóticos, fez importante comunicação ao Congresso Internacional de História das Ciências, realizado em 1900, em Paris, sobre a levitação. Remontou o estudo da levitação aos gregos, referindo-se aos pequenos tratados de Heron e Filon sobre *Autômatos e Pneumatômatos*, por ele mesmo traduzido para o francês e publicados em Paris pela Livraria Masson, em 1882. Isso demonstra a razão de Rhine ao afirmar que os fenômenos parapsicológicos são novos apenas para as Ciências modernas.

Os estudos e as pesquisas de Eugène Osty e Gustave Geley, no Instituto de Metapsíquica de Paris, sobre a *força psíquica* de Crookes, que é o mesmo ectoplasma de Richet, revalidaram modernamente as velhas observações gregas, mas acabaram sendo postos de lado pela evolução técnica do nosso tempo. Tendo em vista a posição atual da Ciência em face desses fatos, a Parapsicologia age com prudência, tratando preliminarmente da psicocinesia como ação direta da mente sobre a matéria, através de pesquisas em plano rudimentar. Daí ao apelo do jogo de dados. À queda de gotas d'água, à movimentação dos pratos de pequenas balanças de precisão. As próprias experiências com plantas e bactérias, por implicar menor complexidade, são realizadas apenas por alguns experimentadores mais audaciosos, que em geral as interrompem, temerosos das conseqüências que os seus trabalhos podem acarretar-lhes no campo profissional. Há uma história de *acomodação científica* que ainda um dia será escrita em todos os seus pormenores.

As experiências de Pk em laboratório são, portanto, limitadas e condicionadas. Como o são as de percepção extra-sensorial. Rhine já advertiu que esse condicionamento e essa limitação, exigidos pelo método científico - e não podemos esquecer que este método corresponde às condições da pesquisa material - determinam uma redução dos fenômenos. Os casos espontâneos, ocorridos no mundo interior, revelam sempre maior densidade. Daí o interesse, por exemplo, que a Dra. Louise Rhine vem dedicando ao exame sistemático desses casos, devidamente colhidos e comprovados por processos especiais. O método científico só nos permite colher *uma parte mínima dos efeitos*, em fenômenos provocados, pois desde que estes são de ordem psíquica manifestam natural suscetibilidade em situações experimentais. Soal foi dos primeiros a observar que a criação de um ambiente de familiaridade entre pesquisadores e sujeitos favorecia a produção mais abundante dos fenômenos. Essa familiaridade não quer dizer afrouxamento dos meios de controle experimental, mas apenas a diminuição de constrangimentos para o sujeito.

A concepção do fluido é hoje uma heresia científica, ao menos provisoriamente. Foi afastada do magnetismo e do hipnotismo e a Parapsicologia também a põe de lado, ou pelo menos entre parênteses, como vemos no caso da psicocinesia. O ectoplasma figura na mesma pauta de condenação e a *força psíquica* de Crookes, embora ainda sobreviva nas doutrinas energéticas da telepatia, entre russos e franceses, é considerada em geral como suspeita. Carington, com sua teoria das estruturas de *psícons*, e Jung, com sua teoria da *sincronicidade*, procuram substituir a concepção energética. Mas parapsicólogos do renome científico de Thoules, Soal, Price, Tischner, Pratt e outros tendem a admitir que a ação psicocinética, integrada nos processos vitais, dispõe de meios específicos de manifestação. [...]

[...] a emissão de ectoplasma começou com leve característica: luminosidade sob a sua cadeira, seguida da expansão, com cheiro cada vez mais acentuado de ozona, de um leve nevoeiro que se adensava progressivamente. Quando a sala estava completamente tomada por esse nevoeiro leitoso, começaram curiosos fenômenos de *explosão ectoplasmática*, semelhantes, em proporções relativas, a descargas elétricas na atmosfera. Pequenos relâmpagos estrelavam no ambiente, cortando o ar de um lado para outro, sempre em sentido descendente, produzindo odor mais forte de ozona. Esses efeitos duraram por mais de duas horas, de maneira que pudemos observá-los à vontade. [...] (vide obra)

A MANSÃO RENOIR

Dolores Bacelar

Capítulo XVIII O Pergaminho

[...] Se ela tivesse escolhido o sono, por exemplo, para entrar em comunicação com o senhor, talvez nem mesmo tivesse ligado importância. Necessário se fazia agir de uma maneira mais drástica e foi o que ela fez. Encontrou em seus dons mediúnicos os meios para materializar-se e apresentou-se diante do senhor como se viva estivesse. Porém, ao sentir a sua dúvida desapareceu, levando pergaminho, como prova de sua existência interplanetária; usou para isso os meios de que dispõe. Porque assim como pode materializar-se, pode também desmaterializar qualquer objeto, fazendo-o tornar-se invisível a olhos humanos. Apesar de não ter mais um corpo como o que dispomos, ela existe realmente. Foi do senhor que ela retirou uma matéria de que os espíritos lançam mão para materializar-se, chamada ectoplasma e, por meio dela, mostrou-se como se viva estivesse. [...]

LIBERTAÇÃO

André Luiz

III - Entendimento

[...] Os doadores de energia radiante, médiuns de materialização em nosso plano, se alinhavam, não longe, em número de vinte. [...]

[...] Esbranquiçada nuvem de substância leitosa-brilhante adensa-se em derredor e, pouco a pouco, desse bloco de neve translúcida, emerge a figura viva e respeitável de veneranda mulher. [...]

VI - Observações e novidades

[...] Expedimos raios magnéticos e recebemo-los ao mesmo tempo. É imperioso reconhecer, todavia, que aqueles que se acham sob o controle de energias cegas, acomodando-se aos golpes e sugestões da força tirânica, emitidos pelas inteligências perversas que os assediam, demoram-se, longo tempo, na condição de aparelhos receptores da desordem psíquica. Muito difícil reajustar alguém que não deseja reajustar-se. A ignorância e a rebeldia são efetivamente a matriz de sufocantes males.[...]

XV - Finalmente, o socorro

[...] Logo após, enquanto a prece e os estudos evangélicos se faziam ouvir, dentro das contribuições de nosso círculo, grande cópia de força nêurica, com a devida compensação em fluidos revigoradores de nossa esfera, foi extraída, através da boca, narinas e mãos dos assistentes encarnados, força essa que Gúbio e Sidônio aplicaram sobre Margarida e Gaspar, no evidente intuito de restaurar-lhes as energias perispiríticas. [...]

A ALMA É IMORTAL

Gabriel Delanne

TERCEIRA PARTE O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA CAPÍTULO IV

Discussão em torno dos fenômenos de materialização

Mecanismo de Materialização

É-nos rigorosamente impossível imaginar que a alma, após a morte, se ache desprovida de um organismo qualquer, porque, então, não poderia pensar, na acepção que damos a essa palavra. Ela não poderia estar isenta das condições de tempo e de espaço, sem deixar de ser o que é; se tal se desse, ela se tornaria alguma coisa de absolutamente incompreensível para a nossa razão.

Mostra-nos o estudo que há leis a que todos os seres pensantes se acham submetidos. É em virtude dessas leis que não podemos estar em diversos lugares ao mesmo tempo, ou percorrer mais que um determinado espaço em certo tempo, ou pensar em certo número de pensamentos, ou experimentar mais que certo número de sensações, em dado tempo. Daí se segue que, se muito facilmente podemos imaginar que uma inteligência superior à nossa, se bem que finita, esteja submetida a condições muito diferentes, não podemos, entretanto, conceber uma inteligência finita absolutamente livre de todas as condições, isto é, qualquer corpo.²¹²

É evidente, por exemplo, que a existência mesma de uma vida psíquica necessita de um laço de continuidade entre os pensamentos, certa aptidão a conservar um certo domínio sobre o passado: é claro que o que já não existe, isto é, o pensamento de há pouco, tem que ser conservado nalguma coisa, para que possa ser revivificado. Essa propriedade da lembrança implica a existência de um órgão em relação com o meio em que vive a alma. Na Terra, mundo ponderável, o cérebro é a condição orgânica; no espaço, meio imponderável, o perispírito desempenha a mesma função. A bem dizer, como o perispírito já existe neste mundo, ele é o conservador da vida integral, que compreende as duas fases: de encarnação e de vida supraterrana. Uma segunda condição de vida intelectual se impõe: a de uma possibilidade de ação no meio em que ela se desenvolve. Um ser vivo precisa ter em si mesmo a faculdade de diversos movimentos, pois a vida se caracteriza pelas reações contra o meio exterior. É aliás o parecer do Sr. Hartmann, citado por Aksakof, o que diz:

“Se se pudesse demonstrar que o Espírito individual subsiste após a morte, eu daí concluiria que, malgrado à desagregação do corpo, a substância do organismo persistiria sob uma forma

²¹² Balfour-Stewart et Tait - “O Universo Invisível”, pág. 91.

imperceptível aos sentidos, porque somente nessa condição posso imaginar a persistência do espírito individual”

Nós, espíritas kardecistas, vemos no perispírito essa forma imperceptível e provamos, com as materializações, que ela sobrevive à morte.

Como se produz esse esplêndido fenômeno? Por que processo pode um Espírito fazer-se visível e mesmo tangível? Este o ponto em que começam as dificuldades. Sabemos bem que a substância da aparição é tomada ao médium e aos assistentes. Disso, dentro em pouco, vamos ter as provas. Mas, como se hão de compreender esse transporte, essa desagregação e essa reconstituição de matéria orgânica, sem que ela se haja decomposto? Tais manifestações transcendentais põem em ação leis que desconhecemos e os sábios fariam muito melhor, ajudando-nos a descobri-las, do que negando sistematicamente fatos mil vezes observados com inexcedível rigor. Esperando que se dê, vamos, nada obstante, expor o que conhecemos.

Fato bem observado é a ligação constante em que se mantêm o médium e o Espírito materializado. Este último haure daquele a energia de que se utiliza, de sorte que, sobretudo nas suas primeiras manifestações, mal pode sair do gabinete onde o médium se encontra em letargia. Mais tarde, aumenta-se-lhe o poder de ação, conservando-se sempre, porém, limitado. Num esboço feito pelo Dr. Hitchman, nota-se que, entre a cavidade do peito da forma materializada e a do médium, há um como feixe luminoso religando os dois corpos e projetando um clarão sobre o rosto do médium. Esse fenômeno foi observado muitas vezes durante as materializações. Comparam-no ao cordão umbilical. O Sr. Dassier o equipara a uma rede vascular fluídica, pela qual passa a matéria física, em particular estado de eterização. Verifica-se a presença desse liame, durante os desdobramentos naturais, pela repercussão das alterações do corpo perispirítico sobre o corpo material ²¹³, como se dava nas experiências do Sr. De Rochas. Aqui, é entre o Espírito e o médium que existe aquele laço, e é natural, porquanto é neste último que a materialização haure a matéria e a energia, que emprega para se manifestar.

A propósito das moldagens de materializações, o Sr. Aksakof faz uma ponderação das mais significativas, no tocante à proveniência da matéria física de que é formada a aparição.

“Do ponto de vista de provas orgânicas, eu não poderia guardar silêncio, diz ele, sobre uma observação que fiz: Examinando atentamente o gesso da modelação da mão de Bertie e comparando-o ao da mão do médium, notei com surpresa que a mão de Bertie, embora roliça como a de uma moça, apresentava, pelo aspecto do dorso, sinais indicativos da idade. Ora, o médium era uma mulher idosa, que morreu pouco tempo depois da experiência. Eis aí um detalhe que nenhuma fotografia pode registrar e que prova de modo evidente que a materialização se efetua a expensas do médium e que o fenômeno é devido a uma combinação de formas orgânicas existentes, como elementos formais introduzidos por uma força organizadora, estranha, força que é a que produz a materialização. Por isso mesmo, vivo prazer experimentei ao saber que o Sr. Oxley fizera as mesmas observações, conforme se depreende de uma carta sua, de 20 de fevereiro de 1876, relativa a uns moldes que obtivera e me enviava.

“Coisa curiosa, escreveu ele: sempre se reconhecem nas modelações os sinais distintivos da mocidade e da velhice. Prova isso que os membros materializado, embora conservem a forma juvenil, apresentam particularidades que traem a idade do médium. Se examinardes as veias da

²¹³ Releiam-se os casos da Lúcida de Cahagnet, de Joana Brooks, da experiência de Aksakof com a Srta. Fox, etc., págs. 163 e seguintes.

mão, encontrareis indícios característicos que indiscutivelmente se relacionam com o organismo do médium.”

Se é exata essa teoria, isto é, se uma parte da matéria do corpo materializado é tomada do médium, deve este necessariamente experimentar uma diminuição de peso. É precisamente o que sucede, como se há muitas vezes comprovado.

Diz a Sr.^a Florence Marryat:

“Vi a Srta. Florence Cook colocada sobre a máquina de uma balança de pesar, construída para esse fim pelo Sr. Crookes, e verifiquei que a médium pesava 112 libras. Logo, porém, que o Espírito se materializava completamente, o peso do corpo da médium ficava reduzido à metade, a 56 libras.”²¹⁴

Agora, uma observação do Sr. Armstrong, em carta dirigida ao Sr. Kenivers:

“Assisti a três sessões organizadas com a Srta. Wood, nas quais foi empregada a balança do Sr. Blackburn. Pesaram o médium e conduziram-no em seguida ao gabinete. Três figuras apareceram, uma após outra e subiram à balança.. Na segunda sessão, o peso variou entre 34 e 176 libras, representando este último algarismo o peso normal do médium. Na terceira sessão, um só fantasma se apresentou, oscilando seu peso entre 83 e 84 libras. São muito concludentes estas experiências de pesagens, a menos que as forças ocultas zombem de nós.

“Contudo, seria interessante saber o que restará do médium no gabinete, quando o fantasma tem o mesmo peso que ele. Comparados aos de outras experiências do mesmo gênero, ainda mais interessantes se tornam estes resultados.

“Numa sessão de “controle” com a Srta. Fairlamb, esta foi, por assim dizer, cosida numa maca, cujos suportes eram providos de um registrador que marcava todas as oscilações do seu peso, passando-se tudo sob as vistas dos assistentes. Após breve expectativa, comprovou-se *uma diminuição gradual* do peso, até que, por fim, uma figura apareceu e passou por diante dos assistentes. Enquanto isso, o registrador indicava uma perda de 60 libras no peso da médium, ou seja, de metade do seu peso normal. Quando o fantasma começou a desmaterializar-se, entrou o peso da médium a aumentar e, ao termo da sessão, como resultado final, ela perdera de *três a quatro libras*. Não é uma prova de que, para as materializações, uma parte da matéria é fornecida pelo organismo do médium?”²¹⁵

Isto nos parece certo, mas, há casos, em que uma parte é também tomada aos que assistem à experiência. Num livro intitulado: *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium* (pág. 15), O Sr. Aksakof relata que a Sr.^a d’Espérance adoecia depois da sessão, se alguns dos assistentes houvesse fumado ou ingerido bebida alcoólica. Nesse livro, responde-se à pergunta relativa ao que resta do médium, quando tão grande quanto o seu é o peso das aparições. Resta apenas o perispírito, que é, por sua natureza, invisível, de sorte que, se alguém penetrar no gabinete, o encontrará vazio. É, pelo menos, o que afirma o Sr. Olcott, em virtude das suas experiências com a Sr.^a Compton ²¹⁶. Com a Sr.^a d’Espérance, a desmaterialização observada numa sessão em Helsingfors, no ano de 1893, não foi tão completa; mas, como resultado das

²¹⁴ **Florence Marryat** - “There is no death” (Não há morte).

²¹⁵ **Aksakof** - “Animismo e Espiritismo”, pág. 242.

²¹⁶ **Coronel Olcott** - “Peoples from the other world” (Gente do outro mundo).

investigações rigorosas a que procedeu o sábio russo, ficou provado que a metade inferior do corpo da médium desaparecera. O engenheiro Seiling diz:

“É extraordinário: vejo a Sr.^a d’Espérance e ouço-a falar; apalpando, porém, a cadeira que ela ocupa, encontro-a vazia; ela aí não está; estão, apenas, as suas roupas.”

À mesma comprovação chegaram o general Toppélius e cinco dos assistentes. Os que se achavam mais próximos da Sr.^a d’Espérance, distantes dela poucos centímetros, lhe viram o vestido, que pendia frente à cadeira, como de um cabide, ao passo que seu busto se mantinha visível tal qual era, entufar-se insensivelmente, até retomar o volume normal, ao mesmo tempo que seus pés se tornaram visíveis.

Nem sempre é tão completa a desmaterialização do médium, pois há casos em que a aparição e o médium são simultaneamente tangíveis, por todo o tempo de duração do fenômeno.

Resulta do que temos exposto que reveste a alma um envoltório físico invisível e imponderável, mas que possui a força organizadora da matéria, pois que esta, tirada do médium, se modela segundo o desenho corpóreo do Espírito. No estado atual da ciência, não nos é, de modo algum, fácil explicar estes fenômenos. Todavia, se é certo que ainda não os podemos compreender, não menos certo é que eles nada têm de sobrenaturais e talvez seja possível que, examinando-se com atenção as ciências em sua filosofia, se formulem pareceres, cujo valor, maior ou menor, o futuro patenteará. Seja, porém, como for, pelo que toca à explicação, não há contestar que os fatos são verdadeiros e se acham bem comprovados. Ora, isto é o essencial.

PENSAMENTO E VONTADE

Ernesto Bozzano

Ideoplastia

[...] Quanto à *substância ectoplásmica*, essa era já conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swedenborg.

Efetivamente, o Dr. N. B. Wolfe fala longamente de *materializações ideoplásticas*, na sua obra: *Starting Facts in Modern Spiritualism* (1869).

De *substância ectoplásmica* falam dois grandes alquimistas, quais Paracelso, que a denominou *Mysterium Magnum*, e Tomas Vaogan, que a definiu por *Matéria Prima*.

Este último, tinha-a provocado pela transudação do corpo de sua mulher.

Quanto a Swedenborg, parece que experimentou consigo mesmo, visto que, em sua primeira visão iniciática, nos fala de “uma espécie de vapor que lhe saía de todos os poros, um vapor d’água assaz visível, que descia até roçar no tapete”.

Ainda que de ideoplastia não se falasse senão mais tarde, depois de alguns anos, ela estava realmente subentendida, desde a época em que se obtiveram os primeiros fenômenos de materialização, visto que os fantasmas materializados apareciam envoltos em véus, o que demonstra que o pensamento e a vontade são capazes de plasmar a matéria, criando tecidos. [...]

[...] O *processus* da materialização pode ser resumido da seguinte forma: Do corpo do médium transpira e exterioriza-se uma substância amorfa ou polimorfa, que toma representações diversas, ordinariamente de órgãos mais ou menos completos.

Substância móvel, ora ela evolui lentamente, sobe, desce, ressalva sobre o médium nas espáduas, peito, joelhos, em movimentos coleantes que lembram um réptil, ora por bruscas quão rápidas evoluções, aparecendo e desaparecendo como relâmpagos...

Essa substância apresenta grande sensibilidade, aliada a uma espécie de instinto, comparável ao instinto de conservação dos invertebrados.

É qual se tivesse a perfeita desconfiança de um animal sem defesa, ou cuja única defesa consiste em reentrar no corpo do médium, que lhe deu origem.

Assim é que, teme os contatos, sempre pronta a ocultar-se e reabsorver-se.

A sua tendência para organizar-se é imediata e irresistível, pois não permanece muito tempo no seu estado original.

Freqüentemente, essa organização é tão rápida que não deixa ver a substância primordial.

Outras vezes, são vistas simultaneamente a substância amorfa e representações mais ou menos completas, englobadas em sua massa, como seja um dedo, entre franjas de substância.

Outras vezes são cabeças, são rostos que na substância aparecem envoltos. (*Do Inconsciente ao Consciente*, págs. 53-58). [...]

[...] Há realmente uma diferença característica entre o éter imanente na matéria orgânica, e o éter imanente na matéria inorgânica.

O que denominamos "um ectoplasma" é, na realidade, "éter vitalizado".

Este "éter vitalizado" não só não perdeu qualquer das suas propriedades características, como também adquiriu outra - a de partilhar do formidável mistério da vida.

A forma etérica ou ectoplásmica é o modelo, o arquétipo sobre o qual são construídas as formas organizadas, correspondentes. Assim, as formas etéricas precedem sempre as orgânicas em suas diferentes fases de desenvolvimento.

Vou ilustrar essa idéia recorrendo a um exemplo tomado às minhas investigações experimentais.

Quando comecei a operar com o clarividente M. B., explicou-me ele que a forma ectoplásmica de uma rosa atingia a sua completa floração, antes da rosa natural.

E a propósito, sugeriu-me a idéia de fotografarmos um botão de rosa, sobre o qual exercera a sua ação fluídica, destinada a substancializar suficientemente a forma ectoplásmica já existente em pleno desenvolvimento, em torno do botão.

Cuidadosamente contamos, na fotografia assim obtida, as pétalas da rosa fluídica; e, quando a rosa real se abriu, verifiquei ser esta uma reprodução exata da rosa fluídica fotografada, com o mesmo número de pétalas naquela contadas. (*Light*, 1921, pág. 448).[...]

NO LIMIAR DO ETÉREO

J. Arthur Findlay

CAPÍTULO XI Noites de Instrução

[...] *Pergunta* - Como é que podeis falar-nos a nós que estamos na Terra?

Resposta - Materializando a minha boca e a minha língua etéreas.

P. - Podeis dizer-me algo acerca do método que seguís para isso?

R. - Farei todo o possível para lhe tornar compreensível como isso se consegue; lembre-se, porém, de que não poderá ter uma idéia exata das dificuldades que aqui enfrentamos, enquanto, por sua vez, não vier para este plano. Todavia, explicarei tão claramente quanto possível os nossos métodos. Do médium e das pessoas presentes, um químico do mundo espiritual extrai certos ingredientes, que, à falta de melhor nome, são chamados ectoplasma, ao qual o mesmo químico adiciona ingredientes que ele próprio elabora. Misturando tudo isso, forma uma substância que o habilita a materializar suas mãos. Com as mãos materializadas, constrói uma máscara, semelhante a uma boca com a respectiva língua. O espírito que quer falar coloca essa máscara sobre a face e a ajusta bem, de maneira que lhe cubra a boca, a língua e a garganta. A princípio, experimenta certa dificuldade em movimentar esse material mais pesado; porém, com a prática, a coisa se torna fácil. Os órgãos etéreos ficam assim encerrados numa matéria que se assemelha à matéria física, e o ar, passando-lhe através, faz vibrar a vossa atmosfera e lhe ouvis a voz. [...]

NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE

André Luiz

28

Efeitos físicos

Vinte horas haviam soado no relógio terrestre, quando entramos em acanhado apartamento, no qual se realizariam trabalhos de materialização.

Tanto Hilário quanto eu não desejávamos encerrar a semana de estudos sem observar algum serviço dessa natureza, em companhia do Assistente.

De outra feita, acompanháramos experiência dessa ordem, assinalando-a em registro de nossas impressões¹ contudo, os ensinamentos de Áulus eram sempre expressivos, e valiosos pelos fundamentos morais de que se revestiam, e suspirei pelo instante de ouvi-lo discorrer sobre os fenômenos físicos que nos propúnhamos analisar.

O recinto destinado aos trabalhos constituía-se de duas peças, uma sala de estar ligada a estreita câmara de dormir.

O aposento íntimo, transformado em gabinete, albergava o médium, um homem ainda moço, e na sala espalhavam-se catorze pessoas, aparentemente bem-intencionadas, das quais se destacavam duas senhoras doentes, que representavam o motivo essencial da reunião, de vez que pretendiam recolher a assistência amiga dos Espíritos materializados.

Indicando-as, falou o orientador, com grave entonação de voz:

– Venho com vocês até aqui, considerando as finalidades do socorro aos enfermos, porque, embora sejam muitas as tentativas de materialização de forças do nosso plano, na Terra, com raras exceções quase todas se desenvolvem sobre lastimáveis alicerces que primam por infelizes atitudes dos nossos irmãos encarnados. Só os doentes, por enquanto, no mundo, justificam a nosso ver o esforço dessa espécie, junto das raras experiências, essencialmente respeitáveis e dignas, realizadas pelo mundo científico, em benefício da Humanidade.

Quiséramos alongar o entendimento, no entanto, renteando conosco, diversos obreiros iam e vinham, dando a perceber o início dos trabalhos daquela noite.

A higienização processava-se ativa.

O serviço reclamava cuidado.

Segundo apontamentos recolhidos por nós, em outras ocasiões, aqui surgiam aparelhos delicados para a emissão de raios curativos, acolá se efetuava a ionização do ambiente com efeitos bactericidas.

Alguns encarnados, como habitualmente acontece, não tomavam a sério as responsabilidades do assunto e traziam consigo emanações tóxicas, oriundas do abuso de nicotina, carne e aperitivos, além das formas-pensamentos menos adequadas à tarefa que o grupo devia realizar.

Atento ao estudo, Áulus recomendou-nos centralizar a atenção no gabinete do médium. Obedecemos.

Ao redor, laboriosa atividade seguia adiante. Dezenas de entidades bem comandadas e evidenciando as melhores noções de disciplina, articulavam-se no esforço preparatório.

O instrumento medianímico já havia recebido eficiente amparo no campo orgânico.

A digestão e a circulação, tanto quanto o socorro às vísceras já eram problemas solucionados.

Dispensar-nos-emos de maior rigor descritivo, porquanto, em outras páginas², a materialização, de acordo com as nossas possibilidades de expressão, mereceu-nos metuculoso exame, no que respeita às substâncias, associações, recursos e movimentos do plano espiritual.

^{1 e 2} "Missionários da Luz". (Nota do Autor espiritual.)

Agora, interessava-nos a mediunidade em si. Intentávamos analisar-lhe o comportamento, em suas relações com o ambiente e as pessoas. E, para isso, a nosso parecer, nenhuma ocasião melhor que aquela, em que dispúnhamos da colaboração segura de um amigo competente e devotado qual o instrutor que nos acompanhava, solícito.

Apagada a luz elétrica e pronunciada a oração de início, o agrupamento, como de praxe, passou a entoar hinos evangélicos, para equilibrar as vibrações do recinto.

Colaboradores desencarnados extraíam forças de pessoas e coisas da sala, inclusive da Natureza em derredor, que casadas aos elementos de nossa esfera faziam da câmara mediúnica precioso e complicado laboratório.

Correspondendo à atuação magnética dos mentores responsáveis, desdobrou-se o médium, afastando-se do veículo físico, de modo tão perfeito que o ato em si mais se me afigurava a própria desencarnação, porque o corpo jazia no leito, como se fora um casulo de carne, largado e inerte.

O veículo físico, assim prostrado, sob o domínio dos técnicos do nosso plano, começou a expelir o ectoplasma, qual pasta flexível, à maneira de uma geléia viscosa e semilíquida, através de todos os poros e, com mais abundância, pelos orifícios naturais, particularmente da boca, das narinas e dos ouvidos, com elevada percentagem a exteriorizar-se igualmente do tórax e das extremidades dos dedos. A substância, caracterizada por um cheiro especialíssimo, que não conseguimos descrever, escorria em movimentos reptilianos, acumulando-se na parte inferior do organismo medianímico, onde apresentava o aspecto de grande massa protoplásmica, viva e tremulante.

Companheiros nossos prestavam carinhosa assistência ao médium separado da vestimenta física, como se ele fora um doente ou uma criança.

À margem da ação, Áulus esclareceu prestimoso:

– O ectoplasma está em si tão associado ao pensamento do médium, quanto as forças do filho em formação se encontram ligadas à mente maternal. Em razão disso, toda a cautela é indispensável na assistência ao medianeiro.

Hilário que ouvia, reverente, indagou:

– Tal cuidado decorre da possibilidade de inconveniente intervenção do médium nos trabalhos?

– Exatamente.

E Áulus prosseguiu:

– Se pudéssemos contar com mais ampla educação do instrumento, decerto menos teríamos a temer, de vez que a própria individualidade do servidor colaboraria junto de nós, evitando-nos preocupações e contratempos prováveis. A materialização de criaturas e objetos de nosso plano, para ser mais perfeita, exige mais segura desmaterialização do médium e dos companheiros encarnados que o assistem, porque, por mais nos consagremos aos trabalhos dessa ordem, estamos subordinados à cooperação dos amigos terrestres, assim como a água, por mais pura, permanece submetida às qualidades felizes ou infelizes do canal por onde se escoia.

– Isso nos deixa entrever – acentuou meu colega – que o pensamento mediúnico pode influir nas formas materializadas, mesmo quando essas formas se encontrem sob rigoroso controle de amigos da nossa esfera...

– Sim – confirmou o Assistente –, ainda quando o médium não consiga senhoreá-las de todo, pode perturbar-lhes a formação e a projeção, prejudicando-nos conseqüentemente o serviço. Dai, o impositivo da completa isenção de ânimo, por parte de quantos se devotam a semelhantes realizações.

Hilário, não obstante satisfeito, continuou ponderando:

– As faculdades de materialização, desse modo, não traduzem privilégio para os seus portadores...

– De modo algum.

E, depois de breve pausa:

– O próprio verbo referente ao assunto, em sentido literal, não encoraja qualquer interpretação em desacordo com a verdade. Materializar significa corporificar. Ora, considerando-se que mediunidade não traduz sublimação e sim meio de serviço, e reconhecendo, ainda, que a morte não purifica, de imediato, aquele que se encontra impuro, como atribuir santidade a médiuns da Terra ou a comunicantes do Além pelo simples fato de modelarem formas passageiras, entre dois planos?

– Então, essa força...

Meu companheiro não terminou.

Áulus percebeu-lhe o pensamento e atalhou, asseverando:

– Essa força materializante é como as outras manipuladas em nossas tarefas de intercâmbio. Independe do caráter e das qualidades morais daqueles que a possuem, constituindo emanções do mundo psicofísico, das quais o citoplasma é uma das fontes de origem. Em alguns raros indivíduos, encontramos semelhante energia com mais alta percentagem de exteriorização, contudo, sabemos que ela será de futuro mais abundante e mais facilmente abordável, quando a coletividade humana atingir mais elevado grau de maturação.

– Até lá, desse modo...

– Até lá, utilizar-nos-emos dessas possibilidades como quem aproveita um fruto ainda verde, em circunstâncias especiais da vida, suportando, porém, o assédio de mil surpresas desagradáveis

ao recolhê-lo, de vez que, em experiências como esta, submetemo-nos a certas interferências mediúnicas indesejáveis, tanto quanto a influências menos edificantes de companheiros encarnados, francamente inaptos para os serviços dessa espécie.

Hilário que escutava, atencioso, a lição, ponderou ainda:

– Imaginemos que o médium esteja possuído de interesses inferiores, seja em matéria de afetividade mal conduzida, de ambição desregrada ou de pontos de vista pessoais, nos diversos departamentos das paixões comuns...

E, depois da alegação reticenciosa, indagou:

– Nessa posição poderá influir nos fenômenos em estudo?

– Sem dúvida alguma – elucidou Áulus, com naturalidade –, consciente ou inconscientemente.

– E os amigos do grupo? Se imbuídos de propósitos malsãos conseguem perturbar-nos?

– Certamente!

– E por que nos sujeitarmos a fatores incapazes, assim?

Os olhos do Assistente brilharam, expressivos.

E, afagando o meu colega, Áulus falou, com sensatez:

– Não diga “fatores incapazes”. Digamos “fatores insipientes”. Simbolizemos a necessidade como sede escaldante e a mediunidade imperfeita ou mal comandada como sendo a água menos limpa. A falta do líquido puro, não podemos hesitar. Utilizamo-nos da água nas condições em que a encontramos. E, em seguida,

que fazer? Teremos paciência com a fonte, decantando-lhe, pouco a pouco, a corrente poluída. A mediunidade sublimada, através de instrumentos dignos e conscientes no mandato que lhes corresponde,

é algo de eterno e divino que a Humanidade está edificando. Isso não é obra de afogadilho. A improvisação não é alicerce para os santuários da sabedoria e do amor que desafiam o tempo.

Meu colega e eu sorrimos, encantados com aquele monumento de compreensão e tolerância.

Em derredor, grande massa de substância ectoplásmica leitosa-prateada, da qual se destacavam alguns fios escuros e cinzentos, amontoava-se, abundante.

Técnicos de nosso plano manipulavam-na, com atenção.

Áulus fixou a paisagem de trabalho ativo e explicou-nos:

– Aí temos o material leve e plástico de que necessitamos para a materialização. Podemos dividi-lo em três elementos essenciais, em nossas rápidas noções de serviço, a saber – fluidos “A”, representando as forças superiores e sutis de nossa esfera, fluidos “B”, definindo os recursos do médium e dos companheiros que o

assistem, e fluidos “C”, constituindo energias tomadas à Natureza terrestre. Os fluidos “A” podem ser os mais puros e os fluidos “C” podem ser os mais dóceis; no entanto, os fluidos “B”, nascidos da atuação dos companheiros encarnados e, muito notadamente, do médium, são capazes de estragar-nos os mais nobres projetos. Nos círculos, aliás, raríssimos, em que os elementos “A” encontram segura colaboração das energias “B”, a materialização de ordem elevada assume os mais altos característicos, raiando pela sublimidade dos fenômenos; contudo, onde predominam os elementos “B”, nosso concurso é consideravelmente reduzido, porquanto nossas maiores possibilidades passam a ser canalizadas na dependência das forças inferiores do nosso plano, que,

afinadas aos potenciais dos irmãos encarnados, podem senhorear-lhes os recursos, invadindo-lhes o campo de ação e inclinando-lhes as experiências psíquicas no rumo de lastimáveis desastres.

As elucidações não poderiam ser mais claras.

Dispúnhamo-nos a prosseguir no entendimento, todavia, Garcez, um dos técnicos espirituais do serviço, veio até nós, invocando o auxílio magnético de Áulus.

O campo fluídico na sala se fizera demasiado espesso. Os pequenos jactos de força ectoplásmica, arremessados até lá, em caráter experimental, tornavam ao gabinete, revelando forte teor de toxinas de variada classificação.

As catorze pessoas assembleadas no recinto eram catorze caprichos diferentes.

Não havia ali ninguém com bastante compreensão do esforço que se reclamava do mundo espiritual e cada companheiro, ao invés de ajudar o instrumento mediúnico, pesava sobre ele com inauditas exigências.

Em razão disso, o médium não contava com suficiente tranqüilidade. Figurava-se-nos um animal raro, acicatado por múltiplos agulhões, tais os pensamentos descabidos de que se via objeto.

– Não atingiremos, então, a materialização de ordem superior...

– falou o Assistente, algo preocupado.

– De modo algum – informou Garcez com desapontamento. –

Teremos tão-só o médium desdobrado, incorporando a nossa enfermeira para socorro às irmãs doentes. Nada mais. Não dispomos do concurso preciso.

Áulus atendeu à solicitação que lhe era dirigida e auxiliou magneticamente a transferência de certo coeficiente de energias do vaso físico ao corpo perispiritual que se mostrou vivamente reanimado.

O veículo de matéria densa, no leito, desceu à mais funda prostração, mas o médium, em seu perispírito, evidenciava maior vitalidade e maior lucidez.

Amigos espirituais envolveram-no em extenso roupão ectoplásmico e a enfermeira uniu-se a ele, comandando-lhe os movimentos.

O médium, não obstante ausente do corpo carnal, achava-se controlado pela benfeitora, à maneira de um médium psicofônico, diferenciado apenas pela roupagem singular, estruturada com apetrechos ectoplásmicos imprescindíveis à permanência dele no recinto, onde explodiam pensamentos perturbados e inquietantes.

Vendo-o caminhar, inseguro, abraçado pela enfermeira que o movimentava para o serviço assistencial, Hilário, ciciante, falou para o nosso orientador:

– O médium está consciente durante o fenômeno?

– Fora do corpo sim, mas, possivelmente, não guardará qualquer lembrança, logo regresso ao campo físico.

Meu colega ainda aventurou:

– Vemo-lo avançar com indumentos materializados e sob a orientação da enfermeira amiga. Entretanto, caso alimente, nessas condições, qualquer desejo menos digno, pode interferir no trabalho, prejudicando-o?

– Perfeitamente – disse Áulus –, ele está sob controle, mas controle não significa anulação. Qualquer impulso infeliz do nosso companheiro correrá por conta do serviço. Daí, a inconveniência das atividades dessa espécie, sem alto objetivo moral.

O medianeiro das curas, enlaçado pela entidade generosa, alcançou o estreito aposento, exibindo a roupagem delicada, semelhante a uma túnica de luar, emitindo prateada luz. No

entanto, à medida que varava a atmosfera reinante no recinto, a claridade esmaecia, chegando a apagar-se quase de todo.

Diante do nosso olhar indagador, o Assistente esclareceu:

– A posição neuropsíquica dos companheiros encarnados que nos compartilham a tarefa, no momento, não ajuda. Absorvem-nos os recursos, sem retribuição que nos indenize, de alguma sorte, a despesa de fluidos laboriosamente trabalhados.

A convite do orientador penetramos a sala. Efetivamente, escuras emissões mentais esguichavam contínuas, entrechocando-se de maneira lastimável.

Os amigos, ainda na carne, mais se nos figuravam crianças inconscientes.

Pensavam em termos Indesejáveis, expressando petições absurdas, no aparente silêncio a que se acomodavam, irrequietos.

Exigiam a presença de afeições desencarnadas, sem cogitarem da oportunidade e do merecimento imprescindíveis, criticavam essa ou aquela particularidade do fenômeno ou prendiam a imaginação a problemas aviltantes da experiência vulgar.

O concurso dos amigos espirituais era ali recebido, não como gentileza de benfeitores, mas como espetáculo fútil a ser obrigatoriamente elaborado por servos ínfimos.

Ainda assim, os obreiros do nosso plano ofereciam o melhor pelo êxito da tarefa.

A enfermeira devotada socorreu as doentes, aplicando-lhes raios curativos. Várias vezes, deixou o recinto e tornou a ele, porquanto, à simples aproximação dos pensamentos inadequados que lhe senhoreavam as vibrações, toda a matéria ectoplásmica se ressentia, obscurecendo-se ao bombardeio das formações mentais nascidas da assistência.

Terminado que foi o trabalho medicamentoso, um risonho companheiro de nossa esfera tomou pequena porção das forças materializantes do médium sobre as mãos e afastou-se para trazer, daí a instantes, algumas flores que foram distribuídas com os irmãos encarnados, no intuito de sossegar-lhes a mente excitada.

Calmando-nos a curiosidade, Áulus esclareceu:

– É o transporte comum, realizado com reduzida cooperação das energias medianímicas. Nosso amigo – e designou com a destra o emissário das flores – apenas tomou diminuta quantidade de força ectoplásmica, formando somente pequeninas cristalizações superficiais do polegar e do indicador, em ambas as mãos, a fim de colher as flores e trazê-las até nós.

– É importante observar – disse Hilário – a facilidade com que a energia ectoplásmica atravessa a matéria densa, porque o nosso companheiro, usando-a nos dedos, não encontrou qualquer obstáculo na transposição da parede.

– Sim – comentou o instrutor –, o elemento sob nossa vista é extremamente sutil e, aderindo ao nosso modo de ser, adquire renovada feição dinâmica.

– E se fosse o médium o objeto do transporte? traspassaria a barreira nas mesmas circunstâncias?

– Perfeitamente, desde que esteja mantido sob nosso controle, intimamente associado às nossas forças, porque dispomos entre nós de técnicos bastante competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato, cômicos da responsabilidade que assumem.

E sorrindo:

– Você não pode esquecer que as flores transpuseram o tapume de alvenaria, penetrando aqui com semelhante auxílio. De idêntica maneira, caso encontrássemos utilidade num lance dessa natureza, o instrumento que nos serve de base ao trabalho poderia ser removido para o exterior com a mesma facilidade. As cidadelas atômicas, em qualquer construção da forma física, não são

fortalezas maciças, qual acontece em nossa própria esfera de ação. O espaço persiste em todas as formações e, através dele, os elementos se interpenetram. Chegará o dia em que a ciência dos homens poderá reintegrar as unidades e as constituições atômicas, com a segurança dentro da qual vai aprendendo a desintegrá-las.

Logo após, os amigos presentes, sempre interessados em acordar os irmãos encarnados para as realidades do espírito, acomodaram o médium, religando-o ao corpo carnal.

O rapaz esfregou o rosto, estremunhado; contudo, sob a atuação de passes calmantes, arrojou-se, de novo, à hipnose profunda.

Forças ectoplásmicas recomeçaram a surgir das narinas e dos ouvidos, revitalizadas e abundantes.

Alguns companheiros passaram a compartimento vizinho, seguidos por nós.

Nesse aposento, sobre pequeno fogão elétrico grande balde de parafina fervente requisitava-nos a atenção.

Um amigo de semblante simpático cobriu a destra com a pasta dúctil que manava fartamente do médium e materializou-a com perfeição, mergulhando-a, logo após, na parafina superaquecida, deixando aos componentes da reunião o primoroso molde como lembrança.

Uma jovem que nos saudou, cordial, trabalhou igualmente o ectoplasma, modelando três flores que, submersas no vaso, ficaram, depois, em mesa próxima para os assistentes, à guisa de doce recordação daquela noite de tolerância e carinho.

Afeiçoados da casa trouxeram do exterior diversas conchas marinhas, em que se viam delicados perfumes que se volatizaram no recinto em vagas deliciosas.

Reparando que os tarefeiros espirituais submetiam o instrumento medianímico a complicadas operações magnéticas, através das quais a substância materializante era restituída ao corpo físico, inteiramente purificada, crivamos o instrutor de questões e perguntas.

Realmente todas as pessoas, na Terra, possuíam consigo a energia que examinávamos? Seria lícito esperar no futuro mais amplas manifestações dela? Essa força era invariavelmente influenciável ou, em alguma circunstância, conseguia organizar-se por si?

Áulus deixou aos demais obreiros as medidas atinentes à fase terminal dos trabalhos e elucidou:

– O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanções da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos que analisamos. É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações, visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem mentalmente afinados com ele. Exige-nos, pois, muito cuidado

para não sofrer o domínio de Inteligências sombrias, de vez que manejado por entidades ainda cativas de paixões deprimentes poderia gerar clamorosas perturbações.

E, apontando o mediador que despertava sonolento, enunciou:

– Nosso amigo, polarizando as energias do nosso plano, funciona como entidade maternal, de cujas possibilidades criativas os Espíritos materializados totalmente, ou não, retiram os recursos imprescindíveis às suas manifestações, sendo, a prazo curtíssimo, autênticos filhos dele.

Assinalando a conceituação, Hilário falou entusiástico:

– Isso dá a entender que nas forças geradoras extravasadas do médium e dos cooperadores de nossa esfera poderemos surpreender igualmente os princípios fundamentais da genética humana, em figurações que a ciência terrena ainda não conhece...

– Sim, sem dúvida – confirmou o Assistente –, os princípios são os mesmos, embora os aspectos sejam diferentes, O futuro nos reserva admiráveis realizações nesse ponto. Trabalhem e estudemos.

Nossas disponibilidades de tempo, contudo, haviam terminado. E, por isso, Áulus encerrou a notável conversação, convidando-nos a voltar.

MENSAGEM FINAL

Luiz Pessoa Guimarães

A compreensão desta matéria nos permitira entender muitos fenômenos que ocorrem e ampliará nossa percepção acerca de fatos relatados no Velho e Novo Testamentos tidos até então como milagres.